
Benedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia

*Benedeiras on the verge of
extinction on the Island of Magic*

Renata Siuda-Ambroziak*

Resumo: Este artigo versa sobre a benzeção praticada por mulheres idosas em Florianópolis insular (Floripa – Ilha da Magia). Por meio de entrevistas com benzedeadas (e membros da família delas), foram informações preliminares sobre o ofício e as condições de exercê-lo que mostraram, entre outros aspectos socioculturais, problemas em transmitir o conhecimento adquirido ao longo da prática, às gerações mais novas. Parece que, em vista de alguns fatores apresentados no artigo, apesar de as gerações mais novas acreditarem ainda no *dom divino* das benzedeadas para curar males do corpo e da alma, os jovens evitam o envolvimento nessa prática, que, levando em conta a idade avançada das benzedeadas, persiste na Ilha da Magia, porém em vias de extinção.

Palavras-chave: Benzimento. Benzedeadas. Cura. Transmissão da benzeção.

Abstract: The article is about the phenomenon of *benzeção* practiced by elderly women in the insular part of Florianópolis (Floripa, Ilha da Magia – the Island of Magic). By means of the interviews with *benzedeadas* (and members of their families), there has been gathered some preliminary information about this healing activity and the conditions of its practicing, which showed, among other sociocultural aspects, problems in its transmission to the younger generation. It seems that, as a result of some factors presented in the article, the representatives of the new generation, in spite of still believing in the *divine gift* of *benzedeadas* to cure illnesses of body and spirit, avoid involvement in this practice, which, considering the advanced age of the *benzedeadas*, finds itself currently on the verge of extinction on the Island of Magic.

Keywords: Benzimento. Benzedeadas. Healing. Transmission of benzeção.

* Doutora em Filosofia Social, Professora de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, Instituto das Américas e Europa (Cesla) – Grupo de Pesquisa sobre América Latina e o Caribe, professora visitante. Bolsista da Capes/Brasil na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) PPG em Sociologia Política. *E-mail:* r.siuda@uw.edu.pl

Introdução

O presente artigo é o resultado da primeira tentativa empírica por parte da autora de se aproximar do fenômeno *benzedeiras brasileiras*¹ e analisá-lo no contexto sociocultural da Ilha da Magia (Floripa) – uma parte insular de Florianópolis. O tema está relacionado às práticas de benzeção (ou benzimento) – atividade antiga na sociedade brasileira e comumente, mas não exclusivamente, praticada por mulheres, associada ao catolicismo e à medicina popular (com emprego de ervas, rituais religiosos, símbolos e objetos sagrados) e que se evidencia nas rezas de cura de diversos males do corpo e do espírito. (GOMES; PEREIRA, 2018; SILVA, 2009). O fenômeno *benzeção*, profundamente enraizado na religiosidade popular, é considerado muito eficaz especialmente na cura de certas doenças de origem *espiritual, sobrenatural* (causadas, como se acredita, pela intervenção de espíritos maléficos ou por pessoas que fazem maldade por inveja ou vingança), o que leva pessoas necessitadas a recorrer às benzedeiras, às vezes como o primeiro recurso. Especialmente no caso de pessoas e grupos menos favorecidos de áreas rurais e comunidades urbanas mais tradicionais e periféricas de todo o Brasil, também em razão da carência de serviços públicos de saúde, as benzedeiras substituem médicos, tornando-se referências muito importantes no campo da saúde – aliás, cada vez mais apreciada em alguns estados do Brasil (como Paraná e Bahia), com o aparecimento dos movimentos de preservação e valorização da benzedura.²

No entanto, essa prática parece tornar-se em Floripa, cada vez menos reconhecida e mais clandestina, o que pude verificar pessoalmente, ao tentar estabelecer contatos com benzedeiras locais para os fins de minha pesquisa. Não foi difícil perceber um certo receio por parte dos moradores do lugar para repassá-los ou até confirmar que conhecem e/ou já procuraram ou aproveitaram este tipo de ajuda.³

A tese neste artigo é que, sendo benzeção uma prática antiga, repassada de geração em geração, mas agora exercida por mulheres idosas que enfrentam, em vista das rupturas na transmissão provocadas por vários fenômenos e mudanças socioculturais e socioeconômicas, a situação de não acharem “herdeiras” que pudessem substituí-las, o ofício vai se tornando uma prática em vias de extinção na Ilha da Magia.

As principais perguntas que norteiam esta pesquisa são as seguintes: *Em que consiste a benzeção/benedura? Quem são as benzedeiras? Como adquiriram o seu conhecimento? O que as motiva a exercer seu ofício? A quem as benzedeiras repassam seu conhecimento? O que dizem as benzedeiras e seus*

familiares sobre as condições ao exercerem seu ofício? Quais são os fatores que afastam os jovens do exercício de benzedura?

As informações utilizadas no artigo foram coletadas por meio de entrevistas abertas, não diretivas, realizadas com duas benzedoras atuantes em dois diferentes bairros da ilha e com seus familiares (incluindo as possíveis “herdeiras” do ofício), no período de 2 a 6 de abril de 2018, das quais aproveitei no texto as citações, segundo o pedido dos entrevistados, de maneira anônima.⁴ O trabalho foi realizado com o cuidado ético necessário, respeitando regras preestabelecidas ao contato, peculiaridades da cultura de benzeção, privacidade dos informantes, levando em conta que existem lembranças ou saberes que os entrevistados não desejariam compartilhar abertamente, seja porque não estão preparados para fazê-lo, seja pela manutenção da discrição ou segredo.

A aplicação da técnica de colheita de dados se deu por várias razões, sendo uma delas o fato de serem as entrevistas o único meio disponível à autora para conhecer essa prática baseada na oralidade, suas características e realidades socioculturais em Floripa, assim como as perspectivas para repassá-la às gerações mais novas. Tudo isso tendo em vista a escassez de registros documentais ou outros tipos de fonte sobre como se efetua e se dá a transmissão desse ofício na ilha. Esse tipo de procedimento permitiu também dar voz às benzedoras e aos familiares delas, o que, graças ao entrelaçamento das biografias com o contexto sociocultural da benzedura, mostrando não somente o sentido e o significado do ofício, mas também sua vulnerabilidade que se tornou o tema principal da pesquisa.

Assim, em casos como esse, quando as pessoas entrevistadas se tornam as únicas detentoras das informações necessárias para o entendimento do tema estudado, as narrativas produzidas através da oralidade desempenham uma função importantíssima. As peculiaridades e o cotidiano de todos os entrevistados, inclusive dos familiares das benzedoras, moradores no mesmo lugar, o grupo mais próximo delas, ligado indiretamente ao fenômeno *benzeção*, são elementos essenciais à compreensão do tema estudado. O uso da oralidade no aspecto mais amplo para o melhor entendimento das condições de execução e da transmissão do ofício se justifica, conforme explicado por Ricoeur (2007), pelo fato da necessidade das informações repassadas nas narrativas dos indivíduos passarem por adaptações feitas por outros membros de um grupo, inserindo-as, assim, em determinado contexto sociocultural. Levamos, assim, em conta que os informantes sempre selecionam os fatos que repassam e, ao selecionar o que deve ser lembrado, buscam certa

coerência, pois a memória, segundo Menezes (2007, p. 23), é um “mecanismo de seleção, descarte e eliminação. Não é possível entender a memória sem entendê-la, também, e talvez mais ainda, como mecanismo de eliminação”. Trata-se, portanto, de um estudo bastante restrito, com limitações óbvias do tempo em que foi desenvolvida a pesquisa, limitações no espaço do artigo apresentando a análise preliminar dos dados e da subjetividade da metodologia qualitativa, baseada nas entrevistas, que foi utilizada para a coleta de dados. No entanto, levando em consideração as ditas limitações, o estudo pode servir de referência a pesquisas mais aprofundadas e detalhadas, desenvolvida com a mesma temática.

O “dom de benzer” em Floripa: características do fenômeno

As duas benzedeadas idosas que conheci pessoalmente em Floripa (uma com 83 – B1, e a outra com 79 anos – B2) têm famílias extensas: uma das benzedeadas é casada, a outra é viúva, as duas têm filhos, netos, e uma delas, dois bisnetos. Assim como outras benzedeadas no Brasil, elas se acham portadoras de um poder, chamado por elas e pelos familiares de “dom divino” de cura, acionado através das palavras poderosas, nas preces, rezas e rituais:

Sou benzedead. Curo doenças. É um dom que Deus me concedeu, a minha bisavó já era de família que benzia. Eles iam deixando aquele dom pros outros, mas não eram todos que tinham esse dom pra aprender a benzer. Sabe, sente quem da família que vai ficar com isso, quem vai saber fazer bem, se quiser aprender. Eu tenho somente uma neta pra deixar, os outros não têm esse dom, nenhum dos meus filhos tinha. O dom é muito importante. Outras coisas – dá pra aprender mesmo. O dom, não. Tem que receber e aceitar. (B1).

Recebi o dom de curar e decidi fazer uso. Não sou eu quem cura – é Deus que faz por minhas mãos. Nós, benzedeadas, somos somente uma ferramenta, um cabo provedor. Ferramenta divina. (B2).

De geração em geração, mantido inalterado para não perder a força, o conhecimento delas veio por meio de outras benzedeadas da família, e, segundo elas, pode/deveria ser somente repassado a uma pessoa que mostre traços desejados e habilidades características do ofício (por exemplo, uma

ótima memória), além de possuir o “dom” para curar – saber ser intermediária entre o homem e Deus. Uma das benzedeadas menciona a condição para ser a “herdeira”: obrigatoriamente, tem que vir da família e a outra, tendo também aprendido na família, aceitar a possibilidade, apesar de rara e difícil, de ensinar as pessoas de fora do círculo familiar:

O dom vem da família, meu avô era benzedor, a minha mãe também benzia. Eu fui criada com eles, no meio de benzeduras, aí num certo momento comecei aprendendo. Aprendi a benzer com minha mãe, acompanhei em benzição. De todos os filhos eu era a mais aplicada, memorizava bem, queria aprender, os outros não, não mostraram vontade. E assim ficou. Fui escolhida para aprender (B1).

No meu caso só posso passar pra família, é um dom do meu avô que ele deixou com a mãe, e ela comigo, agora eu preciso passar pra alguém dos meus pra isso não acabar. Mas tem que ser para uma pessoa e no tempo adequado, isso é um dom de família. Essa é uma missão de família que ficou comigo. (B1).

Aprendi com a minha avó, sem querer. E num certo momento simplesmente comecei a benzer, sem pensar muito. Qualquer um pode aprender, mas tem que ter vocação pra coisa. Benzer é pra fazer o bem. Ainda não ensinei ninguém, mas é possível ensinar alguém fora da família, sim, basta a pessoa querer. Alguns já me procuraram, pra aprender, mas tem que ter fé, e só querer fazer o bem, já a religiosidade é coisa da família – tem ou não tem, cresceu com isso e respirou a benzedura em casa, ou não. E daí jamais sabe e vai aprender bem (B2).

As benzedeadas entendem que possuem o “dom” para exercer seu ofício como uma “missão”, um “serviço” – algo que receberam de graça para servir aos outros e que, portanto, não pode ser comercializado. Por isso, atendem a todos que as procuram indistintamente. O ofício do benzimento é uma realização pessoal, pois as benzedeadas dizem gostar do que fazem, se sentem como recebendo “força” e “boas energias”. Talvez seja por isso que a prática de benzer rompa com regras do mercado profissional de saúde. As benzedeadas fazem cura de boa vontade e gratuitamente, pensando na sua plena disponibilidade para atender aos pacientes:

Muita gente que vem de todo lugar, só benzo e não cobro, não posso cobrar. Eu não posso parar, porque se eu parar eu adoço. Se eu pararia, acho que morreria. Simples assim (B2).

Se eu puder servir à pessoa eu não posso negar. Nem negociar nada para mim, vender o que tenho, o que recebi de graça. (B1).

Não posso imaginar como seria dizer para as pessoas pagarem pela benzedura, como se fosse um serviço, uma oficina de consertar um carro. Não é. A gente não conserta as máquinas, a gente cura o espírito e corpo das pessoas. Não é que cura, na verdade. Que transmite o que Deus decide curar. E ele sempre faz de graça, né? (B2).

Ela tem algo incrível. Acolhe sempre quem a procura e não cobra nada pelo que faz. A minha vó é pessoa muito boa, ela não quer nem status, nem dinheiro, nem fama. (B1F-31M).

As benzedoras acreditam que, tendo recebido um dom divino, não podem parar de benzer. Receber implica dar, curar, fazer uso do seu dom gratuitamente, prestar serviço “até sair do palco”, como brinca uma das benzedoras.

Uma das benzedoras sempre foi dona de casa, a outra, além de cuidar da casa e dos filhos, trabalhou por muitos anos de faxineira numa pousada, mas o trabalho remunerado não impediu sua atuação como benzedora. Ambas dedicaram-se à benzeção, como dizem, “profissionalmente” – as duas sublinharam o fato do que, apesar de nunca terem pedido nada pelo serviço, as pessoas que buscam sua ajuda frequentemente providenciam coisas (principalmente comida e dinheiro) voluntariamente, deixando as doações após visitas, por vontade própria. As benzedoras acham que estas doações, apesar de imprevisíveis e irregulares, constituíam um aporte para o orçamento familiar:

Não pode pedir dinheiro, não... mas se alguém quiser deixar, por vontade própria, daí é diferente. Por reciprocidade deixam. E deixam, sim. Antigamente era comida: leite, carne, galinha, fruta... dependendo da época, da condição financeira da pessoa, tudo junto. Agora trazem mais

dinheirinho. As vezes até com os meus familiares deixam, se eu não quero levar, sei que alguém não tem muita coisa... Deixam com a minha filha, deixam com o meu esposo até. E ele vem, dizendo: Deixaram 50 pila aqueles que vieram hoje de manhã (B1).

As pessoas trazem coisas, sim: comida, dinheiro. A avó não sofre de fome, não. Já falando de outras coisas – é difícil, ela tem renda muito baixa, nunca trabalhava fora de casa, o pai era pescador, a gente ajuda bastante com coisas mais caras, mais sofisticadas que os dois precisam (B1F1- M27).

Agora, se alguém deixa, pode deixar. Mas eu nunca peço nada. Alguns se justificam, dizendo: a Senhora vai aceitar pagamento na próxima vez? Como se não soubessem que a gente não pede nada. Mas é assim mesmo: o povo se sente agradecido. Quando você benze bem, daí sempre voltam. E trazem as coisinhas. Agora é quase sempre dinheiro: notas de 20, 50, às vezes 100. Depende da pessoa, depende da família. E da doença que a gente cura. E assim que funciona (B2)

As duas mulheres começaram a benzer quando eram adolescentes: uma aprendeu sistematicamente com a mãe (no início também com o avó), ajudando-a e às vezes substituindo-a, com 16 anos de idade; a outra começou a benzer bastante abruptamente, com 14 anos, por acaso, numa situação de emergência, quando a avó que benzia estava ausente por ter sido hospitalizada. Como “deu certo”, as pessoas começaram a procurá-la logo depois do falecimento da avó, que não voltou mais do hospital. As duas benzedeadas “herdaram” o ofício diretamente dos seus familiares: uma foi preparada com antecedência pela mãe, que a tinha escolhido entre as suas filhas, porque, segundo ela, “demonstrava ter muita sensibilidade”; a outra aprendeu intuitivamente, ao observar o trabalho de benzedura desde a infância e, frequentemente, participando dos rituais que aconteciam num dos quartos da casa, especialmente preparado para os fins do ofício, cheio de quadros de santos, figurinhas, altares, velas, plantas, ervas e rosários.

Ambas as benzedeadas são católicas praticantes, dizem que benzem em nome de Deus e dos santos a quem recomendam orações. As duas se consideram fiéis da Igreja Católica, escolhidas por Deus para benzer em nome dele, acreditando, como já mencionei, que benzer é uma dádiva, mas também, ou talvez por isso mesmo, uma honra e ao mesmo tempo uma

obrigação, um compromisso. Por isso, atendem aos seus clientes ou pacientes sem cobrar nada em troca.

Eu sou católica. Sempre fui. Agora que apareceram as novidades na minha família – os jovens inventando coisas, se convertendo, se tornando evangélicos. Aqui, em casa, na minha família, também acontece. (B1).

A minha família sempre católica, sim. Fiel. Até hoje não temos na família ninguém que não fosse. Graças a Deus! (B2).

Em ofício de benzedura, segundo elas, as orações faladas são essenciais, a palavra é fundamental, mas elas utilizam também vários instrumentos, como, por exemplo, a faca, a tesoura, a agulha, etc., que, juntamente com as rezas, realizam a cura. Além disso, ambas as benzedadeiras reconhecem que, às vezes, a reza delas não é suficiente e, nesse caso, elas recomendam ao paciente procurar um médico ou até o mandam diretamente para o hospital, orientando-o para procurar auxílio mais especializado a ser aplicado no caso de a doença ser “de médico” e não “de benzedadeiras”. Assim, muitas vezes, são as benzedadeiras que recomendam a seus pacientes a necessidade de procurar ajuda médica ou aceitar a receita de remédios farmacológicos caso sejam indispensáveis. As duas contaram histórias de pessoas voltando para agradecer depois de curadas pela biomedicina. As benzedadeiras confirmaram, também, ter atendido a alguns médicos, que procuraram ajuda para si próprios ou para seus familiares, em questões de saúde que não foram resolvidas com os recursos da biomedicina:

O médico da Trindade veio aqui pra eu fazer remédio pra ele. Porque nada funcionou para as dores que ele tinha e ele não quis se envenenar mais com a farmacologia. Curei com os antiinflamatórios de ervas. Funcionou. Depois ele veio com o filho dele para resolver o terçol. Também deu certo... (B2).

A benzedura vai funcionar para todos que acreditem no benzimento. A fé no poder da benzedeira e da cura divina é fundamental. E isso se aplica a todos, também aos médicos, que as vezes aparecem aqui também. Até aparecem com familiares, com filhos. E a gente faz, cura, ficam bem.. Ai

alguns dizem depois: a Senhora não fala para ninguém que sou médico, porque o povo vai dar uma gargalhada... Rir de que, pergunto? Do meu conhecimento? Da minha eficácia? Não, da minha ineficácia, Senhora... (B1).

Como já explicaram Lévi-Strauss (2008) e Lima (2001), para que qualquer cura popular seja efetivada, essa crença e esperança de ser efetivamente curado é absolutamente imprescindível. Isso se aplica, também, obviamente, ao caso dos médicos, tomando em conta o fato de que, apesar de a biomedicina comumente negar terapias de benzedura, muitos estão cientes da eficácia dessas práticas, apesar de não ter sido comprovada pelo conhecimento científico.⁵ A prática acontece, portanto, por parte das benzedeadas, numa relação complementar com o sistema médico oficial, porque benzedura é aplicada somente onde o diagnóstico não foge do entendimento ou da experiência da benzedeadora – as duas dizem nunca ter concorrido com a biomedicina, evitando benzer no caso “de doenças do médico,” concentrando-se somente nos males que podem ser tratados pelo ato de benzer, as chamadas “doenças de benzedeadora”. Quando solicitadas a enumerar as doenças que curam, as benzedeadas enumeram muitos problemas de saúde, junto com o nome das intervenções para resolvê-los:

Tirar olho gordo, quebrante, cobreiro, dor de cabeça, dor de dente, peito aberto, espinhela caída, desvirar vento virado, dor de cabeça de sol, ziquezira, aguamento, espinhela caída, piriri, mau olhado, estômago fraco, ardência nos olhos, distorcer nervo, cozer tornozelo destroncado, unha rachada, fazer criança perder medo de andar, tirar verruga, desatar nó nas tripas, fazer cabelo crescer, tirar friagem, sentimento... (B2)

Entre as muitas doenças, que aparecem na fala das benzedeadas, podemos citar aquelas de manifestação dermatológica (sapinho, cobreiro); aquelas provindas de processo inflamatório provocado por vírus ou bactéria (terçol, dor de dente) ou lesões de causa mecânica externa, provocadas por vários acidentes, etc., como queimaduras, sangramentos, quebras. São as doenças que as benzedeadas sabem tratar bem, cujos sintomas ou desaparecem ou são aliviados de uma maneira substancial. A eficácia do tratamento feito por benzedeadas se mostra até no estado da saúde delas próprias: as duas, apesar da idade avançada, raramente precisaram de qualquer ajuda médica:

Fui pela primeira vez ao médico quando tinha 64 anos... a minha filha me levou para fazer a mamografia. Disse que eu precisava. Tudo bem. Fui, fiz, saiu tudo bem. Agora vou uma vez por ano, somente para fazer uma vistoria geral... Se tiver algum problema, me auto-benzo, tomo chás, tudo caseiro. E funciona bem (B1).

Tive 7 filhos, todos nasceram com ajuda da parteira daqui. Nunca fui ao médico nenhum. Somente no ano passado, passei lá para fazer os exames de sangue. A minha neta me levou, quase por força, até deu uma briga... não precisava nem fazer isso, falei que estava bem. E assim mostraram os exames. Mas agora jovens já são diferentes, acreditam mais na força da medicina, sabe? Acreditam na medicina, porque eles também estragam mais o que a gente estava preservando: a saúde. Eles têm vida muito estressada, corrida, fazem muita coisa desnecessária e daí ficam doentes mais facilmente. Perdem controle do corpo, abrem para o mal entrar. E daí precisam do médico, do comprimido e do hospital mesmo... (B2).

Nenhuma das benzedadeiras pensa em se aposentar da benzedura; é um ofício que as duas pretendem exercer até a morte, o que aceitam com muita tranquilidade, pois se sentem, pessoas felizes, satisfeitas com a vida:

Me levanto todos os dias dando graças a Deus pela vida que me deu e por tudo que me concedeu. Não tenho medo da morte, sei que virá, tem que vir. Me sinto feliz com o que fiz na minha vida (B2).

Eu atendo todo dia as pessoas necessitadas da minha ajuda. Qualquer horário que chegarem, estou disponível. Isso dá sentido à vida, incentiva para ficar bem, dá força, deixa sempre aparecer com o coração aberto para todo mundo, fazendo as coisas com muito amor... Às vezes nem tenho tempo para descansar, almoçar ou jantar direito, mas daí eu digo: vou descansar no caixão, né? (B1).

Um tema que, no entanto, deixa as duas benzedadeiras preocupadas é precisamente com o destino do ofício delas: não é possível prever se qualquer uma vai conseguir transmitir seus conhecimentos para alguém mais jovem, apesar do fato de que vários membros da família demonstram interesse e querem aprender, especialmente sobre plantas para uso próprio:

Infelizmente é uma coisa que tá acabando, hoje em dia você quase não vê mais, o que eu aprendi queria passar pra minha filha, pra não perder... mas não deu certo, depois escolhi uma das netas, mas os jovens já não querem fazer, não (B1).

é impossível ensinar somente para não deixar se perder, tem que ter vontade para aprender, não somente vontade para ensinar... Eu acho possível a pessoa de fora aprender e é importante pra que isso não se perca, mas tem que ser tudo no tempo certo, com a pessoa certa. Me parece que esse tempo ainda não veio para ninguém dos meus. E talvez já não venha nunca mais. Pena mesmo. (B2).

Fica claro que as benzedoras podem não ter êxito em transmitir seu ofício, já que é, antes de tudo, um dom dado por Deus, mas a “herdeira” tem que aceitá-lo e desenvolvê-lo, tem que aprender e querer exercer. Existe uma preocupação por parte das duas benzedoras com a falta de interesse das jovens escolhidas por elas, dentre os membros da família para praticar o benzimento. Parece que, cada vez menos, isso agrada às pessoas. É trabalhar em benefício do próximo sem cobrar pelos serviços prestados. Mas a falta de “voluntários” tem, como certas, também outras razões, que vou tentar apresentar em seguida, utilizando fragmentos das entrevistas com os familiares das benzedoras, lembrando, que, assim como explanam Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 110), “as narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista de uma situação específica no tempo e no espaço”.

Transtornos na transmissão do “dom de benzer”

É importante observar que, além de ter que ser concedido por Deus o “dom de benzer”, a aprendizagem da benzedura leva bastante tempo, medido em anos. Para facilitar esse processo de transmissibilidade do conhecimento da cura, nada melhor que o ambiente da família onde se aprende desde infância, “respirando a benzedura” embutida na religiosidade popular, “caseira”. A facilidade e a eficácia de repassar o ofício de benzedura ao meio familiar, aos parentes, foram comentadas por Pereira e Gomes (2018, p. 115), que repararam: “Em geral, prefere-se que a transmissão ocorra para alguém próximo na linha de parentesco, por exemplo, de mãe

para filha, de pai para filho e, em circunstâncias menos favoráveis, para sobrinhos, netos e até para outras pessoas situadas fora do círculo familiar”. Benzedura parece, portanto, ser conhecimento repassado no meio familiar de geração, em geração através de uma escolha de quem detém a hierarquia e saberes da técnica. Tais informações podem ser transmitidas e absorvidas, inclusive, de forma inconsciente, no âmbito familiar, o que, depois, motivará alguém a exercer o ofício.

As mesmas benzedoras sublinham o fato de o “dom” da benzedura ser transmitido mais facilmente no seio da família, a com laços de parentesco, e que, de preferência, morem juntas ou na vizinhança, para poderem acompanhar, estar presentes:

O dom vem da família, tinha já gerações de benzedor, eu fui criada com isso, sempre acompanhei, tive curiosidade, vontade para aprender. No meu caso só posso passar pra família, é um dom que deixaram comigo para cuidar, mas preciso passar pra alguém dos meus pra isso não acabar. Isso é um dom de família que ficou comigo. E não sei se vai dar para cumprir e repassar. (B1).

Tem que ter vocação pra coisa. Agora tem pessoas que me procuram pra aprender, mas não adianta alguém aprender para fazer “negócio de benzedura”, porque benzer não é negócio nenhum. Também é difícil se a pessoa vem de longe – tem que estar disponível, aqui, no lugar, acompanhar em tudo. E isso é difícil. Também tem que ter fé, já a religiosidade é coisa da família mesmo. Morar junto ajuda, mas não resolve, sabe... Eu aprendi em casa. Mais fácil é repassar na família mesmo, aqui a gente vive benzendo por gerações, a benzedura, posso dizer, a gente leva no coração e nas veias (B2).

Como vemos, as duas benzedoras começaram a benzer na família, aprenderam com vontade e tiveram como mentores no processo mães e avós. As duas já contavam em sua família com membros que tinham sido benzedores antes, indicando um repasse entre as gerações através das falas e práticas observadas pelas crianças no meio familiar. Portanto, a aprendizagem dos benzimentos está baseada no conhecimento empírico que as pessoas adquirem no meio onde vivem e das influências às quais foram expostas no decorrer da infância e da adolescência.

No entanto, atualmente, esse processo de transmissão intergeracional na família ficou, aparentemente, parado, porque nenhuma das benzedeadas, até, hoje achou a pessoa certa que queira dar continuidade à benzeção. Levando em conta as informações coletadas por meio de entrevistas, sugiro, adiante alguns fatores e processos vistos como possíveis bloqueadores da transmissão desse “dom” às gerações mais jovens, entre eles: mudanças na característica do meio sociocultural onde atuam as benzedeadas em razão do desenvolvimento urbano e das migrações; nível bastante elevado e o acesso relativamente fácil a ajuda médica pelo Sistema Público de Saúde em Floripa; perfil educacional e profissional dos jovens na família das benzedeadas; gratuidade tradicional do ofício; problemas com privacidade, necessidade de se comprometer e se disponibilizar aos pacientes; falta de aceitação do ofício por parte dos representantes da Igreja institucionalizada e problemas acerca do reconhecimento das benzedeadas por parte da crescente população evangélica.

Alguns desses fatores surgem nas entrevistas com as benzedeadas, outros somente em conversas com membros da família, que, ao descreverem suas experiências com a realidade desse ofício da benzedura deixam, nas entrelinhas, explicações sobre as razões do afastamento dos jovens desse ofício e se posicionam ante a possibilidade de transmiti-lo. As mesmas benzedeadas, ao serem solicitadas para comentar sobre as condições de exercer suas benzeduras, citam, além de grande satisfação pessoal, também o compromisso, a falta de tempo para outras atividades, a necessidade de estar sempre à disposição dos outros, etc.

Se Deus te deu aquele dom de fazer o bem, você deve assumir mesmo, mas é uma coisa que te prende, você não tem mais liberdade. Benzeção não tem hora – de dia, de noite, a toda hora cada um pode passar pra pedir uma benção. A partir do momento que você começa a benzer, você não tem sua vida mais, a sua vida pertence aos outros. É um compromisso, que não tem hora, do jeito que eu tô aqui eu tenho que sair e benzer, é um dom que Deus coloca e que você simplesmente tem que exercer. (B1).

Hoje a benzedura tem diminuído muito, porque muita gente não quer assumir o compromisso, porque naquele momento você tem que largar tudo que tá fazendo... Pra benzer tem que ter muita força, mas Deus ajudando pode continuar até morrer. (B2).

O ofício de benzer significa, então, para elas, a impossibilidade de participar de outras atividades, incluindo as prazerosas. As benzedeadas não conseguem visualizar, no entanto, outro modo de vida para si próprias, o que implicaria parar com benzeduras.

As duas mulheres afirmam, também, como fatores que influenciam negativamente nas condições de exercer a benzedura, algumas mudanças socioculturais recentes que estão acontecendo em Floripa, antes de tudo ligadas ao constante fluxo de pessoas de fora da ilha, de fora de Santa Catarina e até de estrangeiros. Segundo sua opinião, o fato de haver desaparecido a cultura local (manezinha, de origem açoriana, da cultura dos “nativos da ilha” à qual as duas pertencem, pode ser visto como prejuízo ao reconhecimento sociocultural da benzedura em Floripa.

Uma das benzedeadas contou a história de ter sido “xingada” por novos vizinhos vindos da Argentina que a acusaram de “charlatanismo”; a outra se queixou de ter sido chamada, várias vezes, de “macumbeira” e de ter sido acusada de fazer “trabalhos para prejudicar as pessoas” pelos vizinhos que vieram recentemente de São Paulo. A família de um empresário rico, que “cada segunda de manhã sai pra trabalhar e volta somente no final da tarde, na sexta”, e que “quase se matou” (sofreu um infarto) por “querer comprar um grande lote com pé na areia e construir uma pousada lá”.

Os vizinhos mais jovens, que vêm principalmente do Rio Grande do Sul, da Argentina ou do Uruguai, também não valorizam o fenômeno da benzedura local, muitas vezes até o desconhecem, “ficam com medo, já ouvi eles avisarem as crianças para não se aproximarem da casa da bruxaria” e, além disso, muitos não são católicos. Os jovens não professam, segundo uma das benzedeadas, “nada além do gosto pela maconha”, “participam de umbandas” e de “budismos estranhos”. Cresce também e constantemente, na ilha, a população evangélica, o que faz com que os contatos com a vizinhança fossem ainda menos amistosos – “eles chamam os policiais para incomodar a gente e assustar as pessoas que me procuraram”:

O benzer é muito criticado agora aqui, porque muita gente de fora acha que é curandeirismo. É preciso uma força muito grande para seguir fazendo, ao final você fica também cansada. Ser benzedeadas é fazer o bem, mas tem muita gente que confunde tudo, acha que a gente é feiticeira (B1).

Agora muita gente vem de fora. Sem conhecer, ficam com medo, assustados, falam besteira sobre benzedura. Ou chamam policiais. Sim, até assim acontece...nunca antes tinha isso. Especialmente crentes – eles não gostam de santos, não gostam de benção, o pastor fala mal da gente também. Daí tudo fica meio atrapalhado... (B2)

No entanto, os problemas aparecem também no ambiente católico. As duas benzedadeiras dizem ter passado por sérios *desentendimentos* (por conta do seu ofício) com padres católicos. Uma confessou ter sido chamada de “bruxa”, e outra contou que um padre local criticou sua benzedura na igreja, durante o sermão, usando até a palavra *perseguição* ao falar das atitudes dos representantes do clero católico ante o ofício, mencionando alguns problemas que sua família passou por conta da atividade dela:

Imagine a situação: a gente vai à missa de domingo, toda família... tudo bem. Todos bonitinhos e, de repente, na missa o padre começa a se pronunciar contra as benzedadeiras, criticando o nosso trabalho e falando da ‘bruxaria’. E todo mundo olhando para mim... nada simpático, né? Nada simpático, com certeza. Achei um tipo de perseguição isso, sabe. Não ficou bom, não. Isso com certeza... (B1).

Eu nunca falei mal da Igreja, do padre, nunca... para que, então, o padre falaria mal de mim, eu pergunto? Não tem sentido nenhum. Por isso eu sempre tive confiança. Até o momento quando ele veio pra cá, para conversar. Marcou aqui, com toda família, para almoçar. Eu até fiquei feliz, padre vindo para casa. E daí ele vem, todo mundo conversando, superagitado e ele, de repente, se dirigindo pra mim e perguntando se, tendo uma família tão bonita assim, eu realmente preciso de fazer estas minhas bruxarias... (B2).

Até alguns problemas do dia a dia com o exercer da benzedura ficaram claros na conversa com o esposo de uma das benzedadeiras, que mencionou a sua oposição inicial forte, quanto à perspectiva de sua mulher exercer o ofício de benzedeira. Nas palavras dele, era muito “sacrifício”, “estar sempre à disposição”, “sempre a serviço dos outros”, “sem nenhuma gratificação”. Por algum tempo, ele disse ter brigado com a esposa para ela deixar de benzer. Mas o “sentimento de missão” por parte dela prevaleceu. Por não

querer mais “encrenca em casa”, deixou-a fazer o que queria. Muitas vezes, se arrependia depois, ao ver o tratamento recebido por ela de várias pessoas, inclusive do padre. Também a falta de privacidade na sua própria casa, foi citada, pois ela “*vive cheia. Eu chegava do trabalho e não tinha como fazer nada, porque o lugar tava cheio de gente desconhecida*”. O mais doloroso, no entanto, parece ser para ele a falta de respeito e reconhecimento do bem que ela faz:

O povo hoje em dia já não acredita, chama de feiticeira, mas somos católicos, o negócio é com Deus. A pessoa tem que ser de fé, de boas intenções, jamais a minha esposa vai abrir a boca pra te desejar o mal. (B1F-85M).

Outros membros da família das benzedeadas comentam, de maneira igualmente crítica, o problema relativo à disponibilidade quase total e ao compromisso muito grande por parte das benzedeadas com seu ofício. Ao mesmo tempo, toca no problema de falta de remuneração pelo trabalho e de reconhecimento:

Na verdade, é trabalho, tudo voluntário...ela faz porque gosta, e ficou assim. A gente não se opondo, a gente também aceitando, que fazer... Mas que tem que ajudar a ela, isso sim. A gente ajuda. Ela se vira bem diariamente, sempre tem algum dinheirinho dela que vem dos pacientes. Mas já coisa mais cara fica com a gente mesmo. (B2F-46M).

A gente até às vezes fica irritado – sempre tem pessoas chegando, ela não descansa direito, na idade dela já é necessário. E tem pessoas que vem de carro de luxo, vindo a casa onde ela mora, aproveitam e saem sem perguntar se ela mesma não está precisando de ajuda. Se tem suficiente para se virar. As vezes deixam 50 pila, às vezes 20 ou 10, ou até nada... até dá um nojo, vendo isso, sabe... e, claro, a gente está se revoltando... porque é tudo tipo fica prá próxima, tu sabe... O mundo está cheio das pessoas que só gostam de se aproveitar dos outros...e a benzedeadas é fácil para aproveitar, porque a vovózinha diz sempre que não precisa de nada, que está feliz da vida... (B2F-23F).

Agora, eu te pergunto, com sinceridade – que profissão é essa? Ela sabe muita coisa, sim, mas quanto é que vale no mercado esse conhecimento?

Nada. Porque se você não recebe nada, significa que nada vale. Não é isso? Eu, por exemplo, me dedicando tanto ao meu trabalho, como ela faz, já teria sido promovido várias vezes. Assim que funciona. Não adianta ela querer que alguém aprenda – a gente tem que ver algum sentido nisso, não somente ficar à espera que alguém venha para pedir a cura... aí a minha filha pergunta: Vovó, se eu me tornar benzedeira, assim como a senhora está projetando, quem é que vai pagar as minhas contas? E assim que funciona, infelizmente (B1F-49M)

Em conversa com possíveis “herdeiras” do ofício, aparecem também outros problemas ligados, por exemplo, a questões de formação profissional, demanda para o trabalho das benzedeiros no contexto das relações entre o mundo da cura popular e o da biomedicina, cada vez mais acessível no ambiente urbano de Floripa:

Avó sempre pensava em mim, no contexto da benzedura, sabe... acho que ela me ve como a neta mais sensível, que se adaptaria mais. E eu até quero aprender algumas coisas, mas acho útil para mim, pessoalmente, sabe... se no futuro eu tiver a família, filhos, e já não tiver mais benzedeira na região, que assim que eu imagino vai acontecer mesmo, eu vou saber como tratá-los em casa, que ervas aplicar, como rezar... mas para fazer pará todo mundo, assim como ela faz e quer que eu faça, eu não vou me sacrificar desse jeito... aliás, não é por isso que a gente entra na faculdade para ficar depois na janela da sua própria casa, aguardando algum coitadinho... entrei na engenharia, vou me formar, quero fazer coisa legal, talvez viajar um pouco pelo mundo. Não quero ficar aqui parada toda minha vida aguardando gente com cobreiro ou arca caída... (B2F-21F).

“Eu vou te falar uma coisa: a benzedura é pra acabar mesmo, não vai poder continuar isso, não. A coisa é para pesquisar mesmo, para ficar nos anais, sabe. Eu te falo, porque a vovó não vai ler isso que você escreve. Imagine, eu, me formando em medicina, como você explicaria eu entrar nesse negócio de benzer? Você acha útil eu aprender? Com certeza, alguma coisa poderia até aprender, sim, quem sabe... mas, por outro lado, só imaginar eu falar lá, na faculdade, o que eu faço aqui, com a minha avó... acho que daria até para me tirar de lá, por questões éticas, não sei... como uma pessoa sem formação nenhuma vai curar os pacientes? Já pensou

nisso? Coisa do passado mesmo, coisa do passado... infelizmente ou não. A questão do progresso, sabe. Santa Catarina, Floripa, tem o sistema público de saúde bastante bem desenvolvido. Os hospitais públicos, de referência estadual, nacional. Nas áreas rurais, talvez ainda tenha isso, mas aqui é pra desaparecer mesmo. Aqui tem muito médico, não tem problema com o acesso. Tem universidade, curso de medicina, hospital universitário de qualidade. Gente! O povo pode se queixar da fila, tal, mas comparando às outras regiões, outros estados, aqui é paraíso, sabe... então, para que precisaríamos de benzedadeiras? Qual o futuro para alguém que dedique o seu tempo para aprender, memorizar tudo isso? Quem vai investir nos meus filhos no futuro se eu me dedicar a isso? São todas perguntas que vale a pena fazer, sabe, nessa pesquisa sua também. Porque às vezes tem que mudar do ponto de vista: em vez de tentar preservar, perguntar: preservar para quê? Se já não tem demanda, não vai preservar nada. Por menos que a gente queira, é assim mesmo que funciona. Claro, não é nada que a vovó deve ouvir... mataria mesmo... (B1F-20F)

Considerações finais

Tudo o que vivemos, seja de forma individual ou coletiva, é passível de ser manifestado através de narrativas motivadas pela necessidade de compartilhar as histórias e informações. Algumas delas nos ajudam a construir ou preservar práticas culturais imateriais que produzimos. Nesse sentido, Meihy (2002, p. 21) afirma que “o relato oral sempre se constituiu na maior fonte humana de conservação e difusão de saber, o que equivale a dizer sempre ter sido a maior fonte de dados para as ciências em geral”.

O trabalho, feito para os fins desta pesquisa, precisava, portanto, de relatos orais para demonstrar a especificidade do fenômeno de benzedura em Floripa e problemas com sua transmissibilidade. Na medida em que os depoimentos foram analisados, foi possível conhecer, apesar que de forma preliminar, a própria visão que os entrevistados têm da benzedura e da transmissão do ofício, pois os conhecimentos e as informações estão com as duas praticantes e com pessoas mais próximas delas.

Parece que mudanças socioculturais rápidas decretaram o fim desse fenômeno estudado na Ilha da Magia: as benzedadeiras de hoje envelhecem sem achar ninguém para repassar sua sabedoria, experiência e conhecimento. Por outro lado, as narrativas mostraram, também, que a benzedura, por mais que seja conscientemente rejeitada por possíveis “herdeiras”, continua sendo importante para a construção da identidade delas, pois

o sentido de ser (alguém) precisa apoiar-se em referências específicas dos que vieram antes, seja pela memória, seja pelos ritos, muitas vezes, aceitando, outras vezes recusando o legado dos antepassados. De qualquer forma, mesmo a recusa da herança cultural já significa reconhecê-la como constitutiva dos sujeitos, ao demarcar autoritariamente de onde se pode aproximar ou se afastar. (CASTRO, 2006, p. 261).

Sendo importantes testemunhas da tradição de cura popular, as benzedoras de Floripa cumprem, agora, a triste missão de ser as últimas “guardiãs” da riqueza dessa prática na Ilha da Magia, onde ainda não apareceram iniciativas para o (re)conhecimento e a manutenção dessa atividade. Ao mesmo tempo, acumulam-se os obstáculos para sua preservação, e as condições para exercer o ofício agravam-se cada vez mais. Os processos de urbanização e constantes fluxos migratórios mudam o perfil dos habitantes e acabam com as comunidades locais tradicionais de bairro. Por mais desejável que seja, o progresso, no acesso a serviços médicos profissionais, que oferecem tratamento especializado, enfraquece a demanda de curas alternativas e populares. Outras barreiras para o desenvolvimento da benzedura na Ilha envolvem o crescimento das religiões evangélicas que condenam essas práticas e, ao mesmo tempo, há a falta de reconhecimento do ofício por parte da Igreja Católica institucionalizada. Tudo isso, juntado às características da benzedura, que exige um comprometimento muito forte sem remuneração, provoca o desinteresse dos jovens em aprender e exercê-la. Ao mesmo tempo, como mostrado a benzedura é uma “doença hereditária”, repassada geralmente ao meio familiar, de geração em geração, a qual, infelizmente, envolve elementos (compromisso, serviço, sacrifício, comunidade, reciprocidade, gratuidade) cada vez menos prestigiados no mundo pós-moderno da “fluidez” constante de normas e valores. Ao mesmo tempo, como todas as expressões imateriais, essa prática somente se reproduz através de sua transmissão, que resulta em continuidade.

Ciente das várias limitações (temporais e teóricas) da pesquisa e da subjetividade das informações e recordações obtidas por meio de narrativas, que “são necessariamente seletivas” (RICOEUR, 2007, p. 455), porque quem conta a história, sempre seleciona o que quer repassar e o que quer omitir e interpreta os fatos, acredito que o conhecimento que abarquei e apresentei neste trabalho, embora ainda preliminar e superficial, me aproximou da temática *benzedoras*, assegurando-me a vontade de, no futuro aprofundar esta pesquisa sobre, um a prática tão rica, tão cheia de significados e de

saberes populares; prática, essa, que permite a cura fundamentada na crença no poder do sagrado e da palavra; a prática tão extremamente rica e importante... Afinal de contas, como explana Oliveira (1985, p. 69), “as características do ofício de benzeção, raramente abordadas nos estudos sobre medicina popular, fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção de vida”.

Notas

¹Benzeadeira, rezadeira e curandeira são palavras às vezes, usadas como sinônimos, mas as duas primeiras se referem ao uso de rezas e elementos do catolicismo popular, e a terceira pode estar associada à outros elementos religiosos/mágicos provenientes, por exemplo, do espiritismo e de religiões afro-brasileiras.

²Veja, por exemplo: Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, da Fundação Cultural de Curitiba, que identificou as benzeadeiras de Curitiba e registrou suas práticas (SILVA; REINHARDT, 2009) ou a iniciativa do (Movimento Aprendiz da Sabedoria (Masa) em que fez levantamento das benzeadeiras nas cidades de Rebouças e São João do Triunfo no Paraná, conquistando, em 2011, o prêmio “Rodrigo Melo Franco de Andrade”, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), na categoria “salvaguarda de bens de natureza imaterial”. (IPHAN, 2011). Atualmente existem três Municípios do Paraná onde as benzeadeiras possuem credenciamento

especial da Secretaria da Saúde para exercer sua profissão. Agora o mesmo levantamento foi iniciado em Feira de Santana, Bahia, onde a Secretaria de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico da prefeitura pretende conhecer, identificar e criar um catálogo com o nome das benzeadeiras da cidade (“Departamento de Turismo vai elaborar catálogo de benzeadeiras de Feira de Santana”. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/busca.asp#links>>. Acesso em: 14 jul. 2018).

³ Os habitantes do meu bairro falaram sobre as experiências com a benzeção comigo pessoalmente, mas evitaram se pronunciar sobre o assunto em situações sociais que envolvessem mais pessoas, inclusive nos grupos nas redes sociais. Para chegar a falar com as benzeadeiras, eu precisei passar pela corrente dos contatos entre os amigos e familiares para obter “o credenciamento” para acesso direto e livre às benzeadeiras.

⁴ As abreviações usadas no texto indicando a fonte das informações: B1 (benzedeira 1); B1F-36M (familiar da benzedeira 1 com 35 anos de idade, homem); B1H (herdeira potencial da benzedeira 1); B2 (benzedeira 2); B1F-76F (familiar 1 da benzedeira 2 com a idade de 76 anos, mulher).

⁵ Por outro lado, Illich (1975) sublinha que a própria medicina oficial também nem sempre pode ser considerada capaz de curar todas as doenças, especialmente aquelas ligadas a questões puramente socioculturais, incluindo normas e valores da comunidade.

Referências

- CASTRO, Lúcia Rabello de. Admirável mundo novo: a cadeia das gerações e as transformações do contemporâneo. In: COLINVAUX, Dominique; LEITE, Luci Braks; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. *Psicologia do desenvolvimento: reflexões e práticas atuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ILLICH, I. A expropriação da saúde. In: ILLICH, I. *Nêmesis da medicina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. *Entrevista Narrativa*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O feiticeiro e sua magia*. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LIMA, Widney Pereira de. *Reza e cura: uma etnografia de rezadores em Benjamin Constant – Amazonas*. 35º Encontro Anual da ANPOCS. GT 31 – Saúde, emoção e moral, 2001. Disponível em: < <http://www.anpocs.org.br>>
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: SESC SP, 2007.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEREIRA, Edmilson Almeida de; GOMES, Núbia Pereira Magalhães de. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2018.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. de Alain François. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- SILVA, Claudia Santos da. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. In: ENECULT. ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2009, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>
- SILVA, Victor A. G.; REINHARDT, Juliana C. (Org.). *Benza Deus! Benzedeiras*

em Curitiba: modernidade e tradição.
Curitiba: Ed. do Autor, 2009. Disponível
em: <[http://www.maquinadeescrever.](http://www.maquinadeescrever.net.br/wpcontent/uploads/2011/04/benza_deus_relatorio_de_pesquisa-.pdf)

[net.br/wpcontent/uploads/2011/04/
benza_deus_relatorio_de_pesquisa-.pdf](http://www.maquinadeescrever.net.br/wpcontent/uploads/2011/04/benza_deus_relatorio_de_pesquisa-.pdf)>.